

**MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: UMA ANÁLISE DA
(DES)CONTINUIDADE DAS NARRATIVAS DE MIGRANTES IDOSOS**

***MEMORY AND FORGETTING: AN ANALYSIS OF THE
(DIS)CONTINUITY OF NARRATIVES OF ELDERLY MIGRANTS***

Carlos Henrique Jurazeki Junior¹
Sthefanye Akemi Shiraishi Okida²
Regiane Cristina de Souza Fukui³
Daniela Cristina Grégio d'Arce Mota⁴

RESUMO: Aprovado no ano de 2024 pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COPEP) e, através da Comissão de Ética Pública (CEP), identificado pelo Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 78154024.6.0000.0104, o presente trabalho objetivou analisar a descontinuidade das narrativas de migrantes que, no momento, vivenciam a velhice. Orientados pela Teoria das Representações Sociais, enquanto referencial teórico, e, quanto ao método, a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin e a Epistemologia Qualitativa de González-Rey, três entrevistas foram analisadas. Sob a finalidade de preservar a identidade dessas pessoas, foram, elas, aqui identificadas enquanto Santiago, Roma e Washington — uma alusão às capitais dos países de onde vieram. Referente aos procedimentos, através da pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas individuais e semiestruturadas, conduzidas por quatro eixos norteadores. Dentre eles, a própria história do sujeito e as contribuições das narrativas enquanto fenômeno constituinte dos processos de subjetivação da pessoa idosa. Para além da publicação dessa pesquisa, enquanto resultados, foi desenvolvido um material artístico-informativo com fragmentos das memórias dos/as entrevistados/as — essenciais para a continuidade de uma história não somente individual, mas também ampla, coletiva, que será entregue aos participantes da pesquisa, no início de 2025.

Palavras-chave: Migrações. Narrativas. Psicologia Social. Representações Sociais. Velhice.

ABSTRACT: Approved by the Permanent Ethics Committee on Research with Human Beings (Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - COPEP) and, through the Public Ethics Commission (Comissão de Ética Pública - CEP), in 2024, the following study, identified by the Certification of Presentation and Ethic Appreciation (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética - CAAE) number 78154024.6.0000.0104, aimed to analyze the narrative discontinuity presented by migrants experiencing old age. Guided by the Theory of Social Representations as a theoretical framework and employing Laurence Bardin's Content Analysis and González-Rey's Qualitative Epistemology as methodological approaches, three interviews were analyzed. To preserve the identity of the participants, they are referred here as Santiago, Rome, and Washington — an allusion to the capitals of the countries they came from. Regarding procedures, through field research, were conducted

¹ Discente da terceira série do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR)

² Discente da terceira série do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR)

³ Doutora em Psicologia. Docente da graduação em Psicologia e da Residência Multiprofissional (Enfermagem, Farmácia e Psicologia) da Universidade Estadual de Maringá.

⁴ Doutora em Ciências da Saúde. Docente da graduação em Psicologia e no programa de Residência Integrada Multiprofissional na Atenção às Urgências e Emergências da Universidade Estadual de Maringá, em que também é coordenadora da área de Psicologia e coordenadora geral.

individual and semi-structured interviews, based on four guiding themes. These included the participants' personal histories and the contributions of narratives as a phenomenon shaping the subjectivation processes of elderly individuals. "In addition to the publication of this research, the results included the development of an artistic-informative material featuring fragments of the interviewees' memories — essential for sustaining a history that is not only individual but also broad and collective. This material will be delivered to the research participants in early 2025.

Keywords: Migrations. Narratives. Social Psychology. Social Representations. Old Age.

1 INTRODUÇÃO

Nos múltiplos percursos trilhados por discentes das mais variadas áreas das Ciências Humanas, o ato de escrever assume uma postura política. Não há espaço para a neutralidade, a isenção de um posicionamento. No contato com o outro, na relação entre o pesquisador e o fenômeno por ele estudado, a mera e acrítica observação passa a ser um evento incompatível. Das vivências das personagens ali envolvidas, tornamo-nos testemunhas. Dos conceitos e teorias internalizados pelo pesquisador — “[...] fenômenos culturais, socialmente construídos e legitimados.” (Miguel, 2010, p. 2) —, diferentes interpretações tornam-se possíveis e, desse trabalho, distintas narrativas passam a existir.

Dessa perspectiva, é desenvolvida a presente pesquisa. Sob o crivo da Teoria das Representações Sociais, fundada por Serge Moscovici (1925-2014), este trabalho visa analisar as discontinuidades das narrativas de idosos migrantes — temática, essa, bastante sensível ao pesquisador e às pesquisadoras. Ele, de ascendência eslava e italiana, sobretudo, do que o constitui enquanto mosaico migratório; elas, descendentes de diferentes outros povos: uma primeira, de migrantes japoneses; uma segunda, de italianos, mas também de povos nascidos em uma África lusófona — invadida, repartida e escravizada; uma terceira, por fim, de ascendência italiana e portuguesa, igualmente herdeira de sírios e libaneses. Atravessados pelas narrativas de pessoas que os antecederam, enxergaram uma possibilidade para dar continuidade às memórias e aos afetos que por um longo período os acompanharam.

1.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE AS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS ATUAIS

No dia 24 de fevereiro de 2022, inúmeros canais de comunicação noticiaram uma das maiores catástrofes humanas do Ocidente desde o atentado de 11 de setembro de 2001: a invasão de forças militares russas na Ucrânia. Da devastação territorial e o risco de se ali viver, cerca de 5,7 milhões de ucranianos recorreram ao deslocamento para outras áreas do

globo, de acordo com os dados fornecidos pela Agência da ONU para Refugiados (ACNUR)⁵ em junho de 2023. Ainda no mesmo hemisfério, mais ao sul, Haiti e Venezuela são vitimados por uma crise migratória sem precedentes, relata Mônaco (2021), motivada por uma latente crise política, econômica e social. Segundo o Instituto de Investigações Econômicas e Sociais da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica Andrés Bello (IIES-UCAB), em 2021, aproximadamente 96,2% dos venezuelanos viviam em situação de pobreza. No Haiti, por sua vez, país cuja expectativa de vida é inferior aos cinquenta e dois anos, de acordo com dados fornecidos pela ECVMAS⁶, no ano de 2012, pouco mais de seis milhões de habitantes viviam abaixo da linha de pobreza. O cenário caótico de conflitos e crises a oeste de Greenwich também é presente no Oriente, quando não mais agravado. Das entranhas de um colonialismo europeu e da fermentação de um neoliberalismo potencialmente anglocêntrico, são herdadas as crises e o belicismo presentes nos continentes africano e asiático. Consequência disso é a crise humanitária na Etiópia, a violência desmedida na República Democrática do Congo e a brutalidade que expulsou “quase quatro milhões de pessoas de suas casas” (Acnur, 2023) no Sudão do Sul, invisibilizadas por inúmeros canais de comunicação, bem como os conflitos presentes no Afeganistão e nos países do Oriente Médio, o que totalizou em um expressivo e assustador número de refugiados, revelam os dados levantados pela ACNUR no ano de 2023.

De acordo com as estatísticas desenvolvidas pela mesma agência em janeiro de 2022, ainda, cerca de 108,4 milhões de pessoas foram vitimadas por deslocamentos forçados até o momento. São refugiadas. Isto é, através de conflitos motivados por “[...] raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas [...]” (Acnur, 1951, p. 2) encontram-se fora do país de origem.

Além de pessoas que se encontram em situação de refúgio, há também as que vivem sob a condição de apatridia. Sobre esse grupo, em 28 de setembro de 1954, foi realizada a Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas, que passou a os reconhecer como “toda a pessoa que não seja considerada por qualquer Estado, segundo a sua legislação, como seu nacional” (Acnur, 1954, p. 1). Em conformidade com os dados publicados pela Agência da ONU para Refugiados, no ano de 2023, foram reconhecidos aproximadamente 4,4 milhões de indivíduos

⁵ Criada em dezembro de 1950, após a Segunda Guerra Mundial, a Agência da ONU para Refugiados ou Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) é uma instituição responsável pela proteção e o auxílio de refugiados e apátridas em todo o mundo. Por resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas, o trabalho do ACNUR se baseia na Convenção de 1951 da ONU sobre Refugiados.

⁶ *Enquête sur les Conditions de Vie des Ménages après Séisme.*

apátridas. Uma vez que não têm a existência reconhecida por um Estado, conseqüentemente, “não têm acesso a direitos básicos como educação, saúde, emprego e liberdade de movimento” (Acnur, 2023). Trata-se de uma situação preocupante.

Em território brasileiro, de acordo com o Relatório Anual de 2020 do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), ao levar-se em consideração os amparos legais, foram registrados pouco mais de 1,085 milhões de migrantes, com um predomínio de fluxos oriundos de outros países latino-americanos, com destaque para Venezuela e Haiti. Com base nessas estatísticas, é perceptível o quão acentuado é esse índice, não somente no Brasil, mas também em outros espaços. Desse fenômeno, são variados os impactos na subjetividade dessas pessoas.

Segundo Jorden, Matheson e Anisman (2009), em um estudo realizado com 169 refugiados somalis em território canadense, não foi rara a presença de sintomas enquadráveis em estados depressivos e traumáticos. A partir da pesquisa realizada pelos autores, foi analisado que o apoio social prestado àqueles que deixaram os seus lares está relacionado ao aparecimento (ou não) dessas condições. Em países que dificultam a entrada dessas pessoas, ou seja, à medida que não oferecem um mínimo apoio a esses sujeitos, o aprofundamento de um sofrimento psíquico pode ser potencializado. Desde 2018, no Brasil, quando foi implementada pelo Governo Federal daquele período, a Operação Acolhida no Estado de Roraima significou que as Forças Armadas Brasileiras foram acionadas para o acolhimento de migrantes na fronteira com outros países da América Latina. Em meio às perdas, às angústias e às inseguranças ocasionadas em momentos anteriores à travessia, em somatória aos sentimentos aflorados pelos choques culturais e as incertezas futuras, defrontar-se com sujeitos armados e sem um mínimo preparo para que fosse realizado o acolhimento migratório é contraditório. Ainda, a construção de muros nas fronteiras de países como os Estados Unidos da América, fomentada por discursos xenofóbicos e conservadores, em conjunto à veiculação de notícias que coloquem o migrante em uma posição de ainda maior vulnerabilidade são outros exemplos de tamanho absurdo.

Essas reportagens, embora, inúmeras vezes, tenham sido um desserviço ao acolhimento de pessoas que se encontram sob a condição de refugiadas, à medida que reforçam “discursos conservadores, de negação de direitos e cidadania de grupos minoritários” (Hoffmann; Roesler, 2017, p. 369), ainda são poucas, ao analisar-se a complexidade e a dimensão dos fluxos migratórios. Diante da invisibilidade dos corpos, das trajetórias e das

narrativas dessas pessoas, infere-se que a construção de olhares e práticas acolhedoras são ainda incipientes.

Na intersecção com outros marcadores sociais da diferença, como orientação sexual, gênero, raça, etnia e idade, a invisibilização desses sujeitos, já marginalizados, tende a ser potencializada. Devido à “ausência ou precariedade de políticas públicas específicas nos países de chegada e, por vezes, à dificuldade de encontrar e contar com redes sociais de apoio (inclusive redes familiares)” (Marinucci, 2020, p. 2), desafios comumente enfrentados por migrantes, de modo geral, tendem a ser mais severos com a população LGBTQIAPN+, continua Marinucci (2020). De acordo com o mesmo autor, ainda, no que diz respeito às questões raciais e étnicas interseccionadas às migrações,

[...] a derrocada de formas institucionalizadas de racismo - como o apartheid sul-africano ou a segregação racial nos EUA - acoplada à abolição da escravidão, ao amplo processo de descolonização no Sul do mundo e, sobretudo, à quase que generalizada condenação da Shoá, gerou a espaiada sensação de superação definitiva do espectro racial, teórico e prático. [...] Na atualidade, no entanto, num contexto caracterizado por intensas mudanças socioculturais, que coincidiram inclusive com a crescente visibilidade do fenômeno migratório, ocorreu a erupção de novas e antigas formas de racismo. (Marinucci, 2018, p. 1)

Referente às questões geracionais, há uma carência de produções acadêmicas que as relacionem aos fluxos migratórios. Conforme revela a Agência da ONU para Refugiados, no entanto, “estima-se que 4 por cento de todas as pessoas deslocadas no mundo são pessoas idosas, embora a falta de dados desagregados por idade possa ocultar uma porcentagem muito maior” (Acnur, 2021, p. 6). Ainda no mesmo documento, infere-se que os riscos enfrentados por idosos são latentes, tanto em estado de fuga do país quanto de permanência no local aversivo. Ao tentarem buscar refúgio em outras regiões, podem enfrentar vários desafios relacionados ao envelhecimento, continua a Acnur (2021), quando não negligenciados, além de discriminação e estigmatização. Deixados no país de origem, devido às dificuldades de se fugir proporcionais ao corpo envelhecido – menos ágil e mais propenso às intempéries das várias décadas que o moldou –, por outro lado, “podem enfrentar violência, a ausência de familiares e amigos e a perda de serviços como saúde, moradia, eletricidade e abastecimento de água” (Acnur, 2021, p. 6). Trata-se de um grupo bastante vulnerabilizado. “Na sociedade do capital e do consumo [...]” (Pachá, 2018, p. 12), afinal, “[...] o velho só será respeitado enquanto integrar o sistema de geração e gerar renda” (Pachá, 2018, p. 12) — um grande desafio enfrentado no hoje, devido à incompatibilidade das exigências de um

capitalismo neoliberal com as condições de saúde proporcionadas a um substancial índice de idosos.

1.2 SOBRE A VELHICE: ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO

Durante longos anos, pesquisas em uma Psicologia do Desenvolvimento Humano dedicaram-se às duas fases iniciais do ciclo vital: a infância e a adolescência (Paiva, 1986). Discussões a respeito de tão importantes etapas da vida do sujeito, aliás, continuam preponderantes em tão importante área da Psicologia. Até meados da década de 1960, dos laboratórios às cátedras do Ocidente, segundo Neri (2006), pairava a concepção de que, uma vez em declínio intelectual, não cabia aos estudos sobre o desenvolvimento humano analisar a vida adulta e a velhice. À medida que a sociedade se metamorfoseava, no entanto, devido à elevação da expectativa de vida em países desenvolvidos e o conseqüente aumento populacional de idosos, em somatória com a reivindicação dos direitos de grupos minoritários, nos Estados Unidos da América, as primeiras teorias sobre o envelhecimento se potencializavam (NERI, 2006). Através dos estudos de teóricos como Robert James Havighurst (1900-1991), Klaus Warner Schaie (1998-2023) e Hans Thomaie (1915-2001),

Nascia a Psicologia do Envelhecimento, caracterizada pela adoção de um enfoque de desenvolvimento ao longo de toda a vida (*lifespan*), o qual gerou novas metodologias, uma enorme quantidade de dados empíricos e novas perspectivas teóricas, mais orientadas à compreensão e à explicação de aspectos específicos do envelhecimento do que à elaboração de grandes sistemas. (Neri, 2006, p. 18).

Do nascimento da Psicologia do Envelhecimento, importantes contribuições a esse campo foram incorporadas pelo psicólogo alemão Paul B. Baltes (1939-2006). De acordo com o pesquisador, para que se estenda o desenvolvimento humano à velhice, cada vez mais são necessários os avanços na evolução cultural e na disponibilidade de recursos culturais. A expansão da duração da vida nos últimos anos, afinal, “só foi possível graças a investimentos em instrumentos, habitação, técnicas e equipamentos de trabalho, higiene, imunização, antibióticos e outros recursos de proteção às agressões do ambiente e educação” (Baltes, 1997, p. 21).

Desse princípio, é clara a ideia de que, ao tratar as pessoas com dignidade, mais longínqua será a vida, espera-se, cabendo ao Estado o cumprimento de direitos básicos ao sujeito. Imerso em uma lógica capitalista, no Brasil, muitas ainda são as barreiras que dificultam o percurso da humanidade para caminhos menos aprisionados a um raciocínio

doentio e exploratório. Em conjunto com outras minorias sociais, como mulheres e afrodescendentes, idosos, nem produtores nem reprodutores, ao passo que perderam sua força de trabalho, continuam rejeitados (Bosi, 1994). Não possuem lugar de fala. São negligenciados ou, quando percebidos, encarados como um fardo a ser carregado pelos mais jovens. Como relicário de memórias, o idoso é invisibilizado.

Diante da rejeição de tão marginalizado segmento social, “a sociedade [...] não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra” (Bosi, 1994, p. 77). Percebe-se uma descontinuidade, assim, de suas narrativas. Deslocados de um sistema, continua a autora, desenraizados, são atravessados por um processo de desagregação das memórias devido ao “predomínio das relações de dinheiro sobre outros vínculos sociais” (*Idem*, p. 443). Perdem um passado, assim. Em famílias mais pobres, esse fenômeno é intensificado, reitera Bosi (1994). Uma vez que “a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças” (*Idem*, p. 443).

Desse fenômeno, o esquecimento é uma consequência. Não somente do idoso em si, mas de tantos outros agrupamentos os quais, diretamente ou não, dependem dessas memórias para dar continuidade ao hoje. Através dos relatos de um filho de ex-combatente da Segunda Guerra Mundial ou de militantes da ditadura civil-militar, por exemplo, é possível não apenas melhor compreender o agora, mas também aprender com os erros cometidos por personagens do passado, não os reproduzindo no presente. Em conformidade com os trabalhos desenvolvidos por Maurice Halbwachs (1877-1945), para Cardini (1988, p. xii), afinal,

[...] a grande protagonista da história é a memória coletiva, que tece e retece, continuamente, aquilo que o tempo cancela e que, com a sua incansável obra de mistificação, redefinição e reinvenção, re-funda e requalifica continuamente um passado que, de outra forma, correria o risco de morrer definitivamente ou de permanecer irremediavelmente desconhecido.

No que tange às memórias na velhice, por fim, não cabe aos leitores medi-las, ao visar a veracidade de acontecimentos passados, mas compreendê-las como um processo contínuo e dependente das vivências de cada sujeito. Não cabem aos pesquisadores colocar um ponto final nos caminhos percorridos por essas lembranças, limitando-as. Tal como fizera Despret (2023), cabe a eles acolhê-las em sua hesitação e inexplicabilidade.

2. DESENVOLVIMENTO

Nesse segmento, serão explanados acerca do método e os procedimentos, bem como a fundamentação teórica e a análise e a discussão dos resultados. Nesse último item, quatro são os tópicos analisados: os elementos de conexão ou ruptura do migrante ao país de origem, os significados atribuídos à velhice, os diálogos entre a infância e a velhice e, por fim, as experiências de um dos entrevistados com o sistema de saúde brasileiro.

2.1 MÉTODO E PROCEDIMENTOS

Frente ao contínuo processo de segregação e marginalização da população idosa, ainda distante de um decréscimo estatístico, em somatória às constantes instabilidades vivenciadas por migrantes e refugiados, dos pesquisadores, partiu a necessidade de se analisar os fluxos migratórios, a velhice e dois importantes fenômenos mentais: a memória e o esquecimento, sob a perspectiva da Teoria das Representações Sociais. O método escolhido pelos acadêmicos foi a Epistemologia Qualitativa do cubano González-Rey (2011).

Através das lentes do pesquisador, no estudo da subjetividade, a abordagem qualitativa

[...] volta-se para a elucidação, o conhecimento dos complexos processos que constituem a subjetividade e não tem como objetivos a predição, a descrição e o controle. Nenhuma dessas três dimensões, que historicamente estão na base da filosofia dominante na pesquisa psicológica, formam parte do ideal orientado pelo modelo qualitativo da ciência. (González-Rey, 2005, p. 48)

Em uma pesquisa, de tal modo, o participante é percebido e acolhido não como uma “entidade objetiva homogeneizada pelo tipo de resposta que deve dar, mas [...] reconhecido em sua singularidade como responsável pela qualidade de sua expressão” (González-Rey, 2011, p. 57). O objetivo deste trabalho, afinal, não se pauta na linearidade e na explicitude do objeto analisado, de acordo com Paula e Pinto (2018), mas na complexidade, “a desordem, a incerteza e a impossibilidade de conclusão, características que emergem das pesquisas de campo” (Paula; Pinto, 2018, p. 6).

Alinhada ao Congresso Internacional de Transdisciplinaridade realizado em Locarno no ano de 1997, considerado um marco nos estudos sobre um conhecimento transdisciplinar (Alvarenga; Alvarez; Sommerman, 2005), a Epistemologia Qualitativa de González-Rey dialoga com dois dos pilares metodológicos da transdisciplinaridade: a complexidade e a lógica do terceiro incluído (Paula; Pinto, 2018). Referente à complexidade, pode-se compreendê-la enquanto “o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações,

determinações, acasos, que constituem nosso mundo” (Morin, 2011, p. 11). Ela reside na impossibilidade de unificação e conclusão, sem que uma parcela de incerteza seja dissociada. Não se pode, assim, valer-se de um conhecimento absoluto, reitera Morin (2011). Compreende-se que há uma ultrapassagem das barreiras de um conhecimento binarista, mas que não se expande a uma infinidade de outras e quaisquer possibilidades.

Sob a perspectiva de González-Rey, ainda, a lógica do terceiro incluído pode ser compreendida como uma “constante dialética existente no conflito entre social e individual” (Paula; Pinto, 2018, p. 8). Não é preciso partir unicamente do individual ou o social, assim, resguardam Paula e Pinto (2018), mas de uma relação dialógica e não estática.

No que tange aos procedimentos, em somatória às leituras sobre as migrações contemporâneas atuais, a velhice e a Teoria das Representações Sociais, a presente pesquisa foi elaborada a partir da realização de entrevistas semiestruturadas. Isto é, foi realizada por meio de questões previamente estabelecidas com um caráter mais flexível, a partir de quatro eixos norteadores: (I) a história da pessoa entrevistada; (II) as memórias sobre a travessia, bem como os momentos que a antecederam e a sucederam; (III) os impactos sobre as experiências dos fluxos migratórios na subjetividade de idosos; (IV) a importância das narrativas na construção de uma identidade, por fim. Isso permite, conforme Manzini (2004), a emergência de informações menos engessadas, não padronizadas.

Para a determinação do público participante, foram contatadas doze pessoas com idade igual ou superior aos sessenta anos — o que as caracterizava enquanto idosas — e que houvessem migrado ao Brasil a partir dos quatro anos de idade. Duas delas haviam nascido em Portugal, uma na Bélgica, uma na Itália, uma na Venezuela, uma na Argentina, duas em Taiwan, uma na Síria, uma na Ucrânia, uma no Chile e, por fim, uma nos Estados Unidos da América. Com exceção da ucraniana, que havia recentemente retornado ao país de origem, todas elas, no momento do contato, residiam no Brasil. A esse número, somava-se também uma mulher japonesa, a qual, infelizmente, faleceu alguns meses antes da prática em campo. Os pesquisadores lamentam essa perda.

Dessa amostra, três pessoas foram entrevistadas em momentos distintos, e, portanto, individualmente: duas mulheres e um homem. Todos apresentavam mais de sessenta anos de idade, migraram ao Brasil a partir da primeira infância e leram e assinaram, presencial ou digitalmente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

De modo a preservar a identidade dos/as entrevistados/as, foram utilizados outros nomes para nos referirmos a eles/as. São eles: Sra. Roma, Sra. Santiago e Sr. Washington. A escolha de nomeá-los/as conforme a capital do país ao qual emigraram visa preservar um elemento crucial para a análise dos materiais coletados: as diferentes representações sociais acerca de diferentes fenômenos, atravessadas por distintas perspectivas construídas, por sua vez, em específicos contextos geográficos, históricos e, assim, culturais. A técnica de amostragem escolhida, inicialmente, é a denominada “bola de neve”. Trata-se de uma “forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência” (Vinuto, 2014, p. 204) para encontrar os/as entrevistados/as, uma vez que não são institucionalizados/as.

No decorrer das entrevistas, no entanto, esse recurso não foi utilizado, devido à ausência de indicações, através dos nossos participantes, de outras pessoas que possivelmente participariam da nossa pesquisa, conforme inicialmente prevíamos. Assim, divulgamos a pesquisa para outras pessoas: alunos da Psicologia e de outros cursos na mesma universidade, pessoas próximas e docentes de outras IES. A partir delas, encontramos voluntários e voluntárias que aceitaram participar desse trabalho.

Quanto aos encontros com o/as participante/es, os pesquisadores optaram por realizá-los uma única vez. Ele poderia acontecer tanto presencialmente quanto através da plataforma digital *Google Meet*, a depender da disponibilidade da pessoa entrevistada, ao levar-se em consideração a possibilidade de ou não residir em Maringá ou apresentar outras limitações que a impedisse de participar de modo presencial nessa etapa da pesquisa. Nesse percurso, no entanto, algumas situações não atenderam aos objetivos inicialmente planejados nessa seção. Em uma das entrevistas, diante de uma situação emergencial, uma das participantes precisou retornar ao país de origem. Devido à baixa afinidade entre a entrevistada e os aplicativos de seu dispositivo móvel, o encontro precisou ser realizado por meio de uma vídeo chamada via *WhatsApp*, uma vez que o notebook dela havia ficado no Brasil. Os outros dois ocorreram presencialmente.

Durante as entrevistas, foram realizadas gravações — conforme previsto no TCLE e previamente acordado com os participantes da pesquisa — com o intuito de facilitar o processo de Análise de Conteúdo.

2.2 BASES TEÓRICAS

Em uma França oitocentista, ao lado de Max Weber (1864-1920) e Karl Marx (1818-1883), Émile Durkheim (1858-19170) foi um dos responsáveis pela consolidação da Sociologia enquanto ciência autônoma e institucionalizada. Da ascensão do que era antes fragmentado à categoria de Ciência Social, o sociólogo destacou que, àquele presente momento, ela “deveria ater-se aos fatos sociais, definidos pela ‘exterioridade em relação às consciências individuais’ e pela ‘ação coercitiva que exerce ou é suscetível de exercer sobre essas mesmas consciências’” (Júnior, 2003, p. 88). Ao buscar entender os mecanismos e os fundamentos da ordem social, continua Júnior (2003), há um afastamento da compreensão do sujeito. Preocupado em sacrificar a ciência então emergente, Durkheim (1978) acreditava que “a sociabilidade humana e seus procedimentos implicaria no afastamento das questões pertinentes ao indivíduo” (Júnior, 2003, p. 88). Em síntese, estavam cindidos, indivíduo e sociedade — capaz, ela, de influenciá-lo, mas ele, em momento algum, passível de a influenciar.

Em um caminho contrário àquele percorrido pelo intelectual, décadas adiante, Serge Moscovici (1925-2014) considerava equivocada essa cisão. Não havia, segundo ele, distinções entre o externo e o interno, o concreto e o simbólico e o objetivo e o subjetivo (Souza-Fukui, 2021). Havia uma intersecção entre os conceitos (Bertoni; Galinkin, 2017). Apesar da importância do meio, jamais desconsiderado, as relações, para o autor, eram também consideradas essenciais para a subjetividade do indivíduo. Trata-se de uma relação dialética, em suma.

Dessa inquietude, interessado, a princípio, em compreender as múltiplas perspectivas em torno do fazer psicanalítico, Moscovici passa a se interessar não pela teoria em que Sigmund Freud (1856-1939) é o principal proponente, mas às distintas percepções e interpretações presentes até o momento a respeito do fenômeno. Através das representações sociais, por ele caracterizadas como modalidades de conhecimentos particulares, “tendo a função de elaboração dos comportamentos e da comunicação entre os indivíduos” (Moscovici, 2012, p. 27), o psicólogo romeno desenvolve a Teoria das Representações Sociais (TRS) em um contexto em que, por meio da abordagem de um pensamento social, a Psicologia Social Sociológica buscava investigar o modo como as pessoas pensam sua realidade cotidiana (Wachelke; Camargo, 2007 *apud* Morais, 2017).

Contemporânea à grande parcela das publicações moscovicianas, Denise Jodelet “é a grande responsável por manter atual a proposição original de Moscovici” (Bertoni; Galinkin, 2017, p. 107). Em um claro processo de continuidade da TRS, conjuntamente a Jean-

Claude Abric (1941-2012), representante da abordagem estrutural, e Willem Doise (1935-2023), da Escola de Genebra, Jodelet (1991 *apud* Almeida; Santos, 2011), precursora de uma abordagem cultural, compreende a teoria através de três outras propriedades: (1) a arquitetura e o compartilhamento social, (2) a orientação para a organização prática e o domínio do ambiente e comunicação e, por fim, (3) a participação da formação de uma concepção coletiva da realidade em um grupo social ou cultural. No que tange à última, infere-se a importância da adoção de uma perspectiva voltada não somente às grandes massas, mas também ao cotidiano e às vivências do sujeito comum e marginalizado, como os idosos que migraram ora na velhice, ora em outros estágios da vida — a infância, diga-se de passagem. Das crises latino-americanas aos conflitos na região do Sahel, cada sujeito, refugiado ou sexagenário – quando não ambos – leva junto de si memórias, narrativas, prazeres e desprazeres. É o que os individualiza em meio à homogeneidade que os cerca.

2.3 CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA À TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Dos conceitos anteriormente explicitados, infere-se que um dos preceitos basais da TRS seria justamente a transformação de conhecimentos científicos, logo, sistematizados, em concepções cognoscíveis, assimiláveis, ao sujeito comum. Atravessado por diferentes afetos, constituídos por fenômenos variáveis, a depender dos contextos histórico e geográfico ao qual o indivíduo é posicionado, “[...] fatores culturais podem ser decisivos para o entendimento das representações sociais [...]”, (Jodelet, 2009 *apud* Morais, 2017, p. 40). As múltiplas leituras diante da velhice são exemplos disso. “A partir das literaturas africanas de língua portuguesa e dos mecanismos por elas desenvolvidos para recuperar uma tradição que fora sufocada pelo colonialismo”, escreve Fonseca (2003, p. 63), conforme observado nos escritos dos moçambicanos Mia Couto e Paulina Chiziane, por exemplo, o velho é compreendido como “guardador da memória do povo” (Fonseca, 2003, p. 63). Devido à importância da oralidade na continuidade de tradições locais, são percebidos enquanto oráculos a serem acessados pelos mais novos. Enciclopédias humanas, em outras palavras.

Em países europeus e norte-americanos, porém, outras perspectivas são tecidas. A tradição, presume-se, torna-se facilmente descartável, à medida que as máquinas e a inteligência artificial ocupam espaços de poder e máximo conhecimento. Na sociedade do

capital, esvai-se a idade enquanto “sinônimo de experiência, poder, sabedoria” (Pachá, 2018, p. 12).

Dessa reflexão, percebe-se o quão variáveis podem ser as representações sociais diante de um mesmo objeto. Essas dicotomias, percebe-se, são decorrentes das pluralidades entre diferentes pessoas inseridas em distintos contextos, sejam eles espaciais, históricos ou sociais. A partir de uma breve análise das conceituações de culturas através de grandes antropólogos, como Claude Lévi-Strauss (1908-2009), Clifford Geertz (1926-2006) e Norbert Elias (1897-1990), um elemento os aproximava: “[...] a ideia de cultura como abstração transmissora de referências simbólicas” (Bizerra; Novikoff; Triani, 2017, p. 11).

Em um contínuo diálogo com a bibliografia moscoviciana, desse cenário, Denise Jodelet constrói uma abordagem com elementos voltados às múltiplas nuances culturais que constituem um grupo, uma etnia — uma grande contribuição às análises acerca dos fluxos migratórios e as diversidades dos povos. Segundo a pesquisadora, afinal, compreender a cultura na qual o sujeito da representação social está inserido é fundamental, escrevem Bizerra, Novikoff e Triani (2017). Descontextualizada do indivíduo, falha torna-se a interpretação, infere-se.

2.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção visa analisar as informações coletadas durante a entrevista e, a partir disso, tecer uma análise que contemple os seguintes fatores: os elementos de conexão ou ruptura do/a migrante ao país de origem, os significados atribuídos à velhice e os diálogos entre o último e os primeiros estágios do desenvolvimento humano: a velhice e as infâncias. Aos elementos também essenciais à discussão, mas não presentes em mais de uma entrevista, foi desenvolvido um tópico que os contemplassem. Trata-se, aqui, das experiências de Washington com o Sistema Único de Saúde (SUS), no Brasil.

2.4.1 ELEMENTOS DE (DES)CONEXÃO AO PAÍS DE ORIGEM

“Eu leio, eu leio, eu leio, eu leio. É só ter saudade de lá [Itália] e eu já pego as revistas que eu tenho...” (Roma, 2024)⁷. Esta foi uma das frases proferidas pela entrevistada, à medida que, aos pesquisadores, tecia suas palavras. Trata-se de um elemento, este, de conexão com o país onde nasceu.

⁷ Entrevistada no dia 31 de julho de 2024.

A partir desse cenário, a desconexão com o país de origem pode-se revelar enquanto um fenômeno complexo, à medida que a simples separação física é ultrapassada e, dela, diferentes aspectos são envolvidos — os emocionais, os culturais e os sociais, cita-se. Permeado por desafios singulares, dependentes das intersecções de cada sujeito, para muitos, o ato de desconectar-se das próprias raízes não é absoluto, mas um movimento contínuo, em trânsito, de recuperação e perda de sentidos.

Nos relatos analisados, enquanto pilar central desse processo, emergem a linguagem e a comunicação. Através de revistas e cartas — ou discursos, no que tange à oralidade — assumem, elas, um papel fundamental na reconstrução de uma identidade híbrida. Apresenta-se através de um contraste, isto é, “[...] entre a cultura original e a cultura adaptada do país estrangeiro” (Giroto, 2024, p. 31).

Para Washington, inicialmente, a língua portuguesa, em meio ao processo de adaptação à cultura brasileira, ainda revela-se desafiadora. Como muitos outros migrantes, a dificuldade de comunicação é também um obstáculo enfrentado por ele. Quando diz: “[...] eu sei que perco muita coisa. Sei que vou tentar ouvir uma conversa e eu vou ficar tipo, não tenho ideia do que você está falando.” (Washington, 2024, tradução nossa), o afloramento de uma sensação de isolamento, por exemplo, é revelado.

Tão presente quanto nas adversidades, todavia, a linguagem representa um vínculo impartível com o país de origem. No caso de Santiago, a experiência com um português fundido ao espanhol se apresenta enquanto mecanismo de adaptação à realidade atual, mas também como uma manifestação de suas “duas pátrias” (Santiago, 2024)⁸. Surge como uma ferramenta de comunicação entre ela e os brasileiros, o que reflete um processo contínuo de negociação da própria identidade. Mesmo após anos em um outro território, Santiago mantém o espanhol ainda latente, contudo, adapta-o a um português cotidiano. Cria-se, assim, um espaço linguístico único, o que a permite se comunicar enquanto preserva a língua materna.

Para a Sra. Roma, além do aprendizado do português, o uso da linguagem escrita também configurou-se como um ponto de conexão entre Brasil e Itália. Recorreu às revistas como forma de manter-se conectada tanto com o país onde nasceu quanto com o que atualmente reside. À oeste do Atlântico, as revistas italianas permitiram que ela mantivesse viva a ligação com a cultura de origem; à leste, as brasileiras a conectavam com o país onde vivenciou a maior

⁸ Entrevistada no dia oito de julho de 2024.

parte da vida. Essa prática, que remete a um hibridismo, pode também ser vista como uma estratégia de enfrentamento da saudade e da distância, ao criar um espaço no qual Roma possa reviver e ressignificar suas experiências.

O processo de manutenção do idioma e das memórias afetivas é refletido através das lentes de Bhabha (2003), que, na identidade híbrida, visualiza um modo de criação de um "entre-lugar", um limbo entre presente e passado; país de origem e país de acolhimento. Constrói-se, assim, uma experiência de pertença que não é fixa, mas em um constante fluxo. Há uma fresta, logo, no contato com as culturas, mas também a reafirmação de sua própria história e vivência transnacional.

2.4.2 SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À VELHICE

A velhice é um período revolucionário do desenvolvimento humano. Faz-se presente um novo modo de ser e perceber a realidade, de acordo com Andrade-Bocato e Franco (2019). Embora grandes avanços científicos tenham corroborado para o espaçamento do ciclo vital de diferentes pessoas, muitos ainda são os estigmas que acompanham o processo de envelhecimento. Exemplo disso é a ideia de essa ser a pior fase da vida, devido às múltiplas perdas, sejam elas físicas — deterioração do organismo e mortes de pessoas próximas, menciona-se — ou subjetivas, como bem escreve Cecília Meireles (2001) em “Retrato” — um dos mais populares poemas da escritora fluminense —, em que o eu-lírico, angustiado, não se deu pelo próprio envelhecimento, mudança, essa, “[...] tão simples, tão certa, tão fácil” (Meireles, 2001, p. 18). Foi com essas perspectivas que os discentes iniciaram a análise dos materiais. Buscava-se, isto é, um teor negativo, depreciativo, das pessoas entrevistadas ao estar velha/o. Ao contrário do que se esperava, todavia, foi apreendido isto: uma velhice autônoma, desinstitucionalizada, lúcida e saudável.

Ao que narrava a Sra. Santiago, um grande vigor e disposição eram perceptíveis em suas mais recentes atividades. À época em que foi realizada a entrevista, sem o intermédio de outrem, precisou retornar ao Chile. Até o ano de 2019, quando se inicia a pandemia do Covid-19, essas viagens também eram frequentes, embora fosse outro o fim. De todo modo, percebe-se que a representação de uma idosa reclusa e intrinsecamente dependente dos cuidados alheios não se fazia presente nesse contexto.

Com a Sra. Roma, um distanciamento da velhice definhada é também observado. Já octogenária, em determinado momento da entrevista ela diz isto: “graças a Deus tive

estabilidade e hoje eu vivo até mais ou menos” (Roma, 2024). Em comparação aos desafios vivenciados em outros momentos de sua vida, como a maternidade solo e as dificuldades decorrentes do mercado de trabalho, percebia-se melhor, em uma realidade mais confortável. Das vivências aqui coletadas, é refutada a concepção generalista de a velhice ser um período repleto de lamentações, sofrimentos e infelicidades.

Na entrevista realizada com o Sr. Washington, um fenômeno semelhante é observado. Quando mais jovem, percebia-se bravo, frustrado. Após a migração ao Brasil, o entrevistado diz isto:

Minha mãe era mais nova que eu quando faleceu de um ataque cardíaco. Meu pai era um pouco mais velho que eu quando morreu de insuficiência cardíaca congestiva. E eu tinha plena certeza de que eu não viveria muito até vir para cá [Brasil]. E agora eu sinto que eu vou viver por bastante tempo. E o que quer que eu precise, sinto que posso ir e conseguir o que eu preciso. (Washington, 2024, tradução nossa)⁹.

É aparente a ressignificação de um período temido, até então, pelo entrevistado.

Dessa breve análise sobre os significados atribuídos à velhice, no entanto, deve-se salientar que a realidade das pessoas entrevistadas não pode ser generalizada, uma vez que a amostra utilizada, além de incipiente, não vivencia as mesmas experiências de uma maioria de pessoas idosas residentes no Brasil. Em um país majoritariamente constituído por pessoas pardas (45,3%) e pretas (10,2%), de acordo com as informações fornecidas pelo Censo de 2022, todas as três são brancas. Também residem em uma cidade cujo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), no ano de 2010, era equivalente a 0,808, em conformidade com os dados produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Isto é, dentre mais de cinco mil e quinhentos municípios espalhados pelo território, trata-se da vigésima terceira com o maior Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Trata-se de um recorte fundamental, diz-se.

2.4.4 VESTÍGIOS DE OUTROS PERÍODOS: DIÁLOGOS ENTRE INFÂNCIA E VELHICE

Sabe-se que a pessoa idosa, em determinado período do ciclo vital, vivenciou a complexidade da vida adulta. Por conseguinte, perpassou também a adolescência e a infância — importantes etapas do desenvolvimento humano. Trata-se de uma obviedade, tal afirmativa.

⁹ Entrevistado no dia primeiro de outubro de 2024

Não há grandes revelações. Em um período tomado por um crescente acúmulo de desinformações, todavia, é preciso que o óbvio seja enunciado, disseminado, e, frente às barreiras do silenciamento, jamais esquecido. Revisitar os períodos antecedentes ao mais avançado estágio do desenvolvimento de uma pessoa, conseqüentemente, é fundamental para se evitar concepções não contextualizadas e, diante de um momento tão complexo, discursos simplistas, superficiais.

Da vastidão de materiais produzidos por diferentes autores, um elemento faz-se comum: a importância das experiências vivenciadas na infância para a compreensão da subjetividade do indivíduo. A análise de elementos presentes na subjetividade de uma pessoa adulta — ou idosa, mais especificamente —, assim, quando dissociada de vivências anteriores, revela-se incipiente.

Para além de um importante nome do movimento feminista francês, Simone de Beauvoir (1908-1986), ao lado de Jean-Paul Sartre (1905-1980), foi uma personagem fundamental para a estruturação de uma corrente política e filosófica existencialista. Das obras publicadas pela autora, para o presente trabalho, uma é destacada: “A Velhice”. Assim como também enunciaram os proponentes de outros referenciais teóricos, uma importância é dada ao passado do sujeito. Conseqüentemente, aos diferentes momentos que o constituíram. Beauvoir (1990, 379) define a pessoa idosa enquanto “[...] um indivíduo que tem uma longa vida por trás de si. [...]”. Questiona-se, todavia,

[...] o que é ter vida por trás de si? Sartre o explicou em *O ser e o nada*: não se possui o próprio passado como se possui uma coisa que se pode segurar na mão e observar sob todos os ângulos. Meu passado [...] para tê-lo, é necessário que eu o mantenha existindo através de um projeto; se esse projeto é conhecê-lo, é preciso que eu o torne presente, rememorando-o para mim mesmo. (Beauvoir, 1990, p. 379)

Embora, para fins metodológicos, o referencial teórico utilizado pela autora não seja aqui utilizado, um importante elemento pode ser apreendido do excerto: a continuidade de uma existência a partir de um rememoração. Dessa breve contextualização, sob o crivo da TRS, as três narrativas aqui coletadas tornam-se possíveis de serem analisadas — mais dificilmente expostas a um olhar que reduza a pessoa idosa às mais recentes experiências de sua vida.

Em um primeiro momento, tomemos Sra. Roma como primeira entrevistada analisada. Nasceu na Itália em meados da década de 1940, em uma primavera. Com os

familiares, migrou para o Brasil ainda pequena. Iria aniversariar pouco tempo depois. Foi nesse novo território, no norte paranaense, que viveu uma infância ativa e rural. Segundo a narradora,

Nós *trepava* até em cima das árvores para poder chamar as vacas para que os pequeninhos que *tava em vorta* correr [Roma ri]. É cada coisa que nós *fazia* que Deus o livre... Ih! Nós *subia* nos pé de manga e ficava lá *quietinha*. Quando passava alguém embaixo [Roma sussurra] nós *jogava* alguma coisa... A gente fazia cada coisa... Ih, minha fia! (Roma, 2024)

Quando as nuvens cobriam os céus, no entanto, as brincadeiras eram outras. Ora subiam (ela e as outras crianças) nas tulhas de café, ora brincavam de bonecas de espiga de milho. Para além disso, conforme contava as histórias desse período, uma memória bastante afetiva é revelada. Assim como toda criança, tinha também um brinquedo favorito. Era uma bruxinha de pano. “Minha mãe uma vez fez pra mim uma bruxinha pra mim... Eu tinha um amor naquela bruxinha, nossa!” — diz Roma, com voz nostálgica.

Embora seja, essa, uma memória de muitas décadas anteriores, não foi soterrada. Encontra-se viva e, de certo modo, reverberante. Desse resgate da infância, um elemento destacou-se também na entrevista de Sr. Washington: a resignificação das representações acerca de um mesmo espaço em distintos momentos da vida. Tratava-se da casa dos avós, nos Estados Unidos da América. Das memórias do narrador, nos arredores de uma grande casa de campo, havia um enorme quintal. Do acampamento do avô, era possível avistar as montanhas da costa Leste do país. Tratava-se de um lugar agradável, aos olhos de uma criança que por ali passava durante as férias de verão, na companhia dos avós e demais familiares. Sob a perspectiva de um adulto que ali viveu, no entanto, tal representação não era mais a mesma. Foi metamorfoseada. Em meio a um momento em que esteve desempregado, Washington viveu por determinado período na mesma residência e, ao contrário do frescor que habitava as memórias da infância, em meio a um inverno, ele diz isto:

Eu estava na casa dos meus avós [...] e o gelo acabava com a eletricidade, e eu precisava lidar com isso. A casa não era bem isolada, então eu tinha medo de dormir. Porque, sabe, essas coisas acontecem. Ali, ter aquecimento em casa não é apenas um conforto. Você precisa dele para sobreviver. Eu conheço pessoas que, por exemplo, morreram de frio. Ou as escadas não esquentavam porque não tinham eletricidade. Você sabe, elas saem de casa, colocam fogo na casa e morrem, ou algo assim. (Washington, 2024, tradução nossa).

Com olhos voltados para um hemisfério-outro, foi no Chile que Sra. Santiago vivenciou a infância. Na entrevista, poucos foram os detalhes dados sobre esse período — para ela, talvez, fosse mais importante destacar outros momentos de sua vida. Quando questionada

acerca das memórias de quando criança, todavia, algo é evocado: a união e a proximidade dela com os irmãos. Desse fenômeno, aos risos, Santiago lembra-se de um momento com a irmã. Uma praia compunha o cenário. Ela diz:

Estávamos na praia e ela ficou com um violão. Horas, *tá?* E ela aprendeu só uma parte, que era *sueño con serpientes*. Era uma música de Silvio Rodríguez. E ela só sabia *sueño con serpientes* de todos os dias, e durante horas e horas e horas era o *sueño con serpientes*. Alguns nos deixavam loucos, porque era dia e noite, de manhã até tarde. Toda hora era o *sueño con serpientes*. (Santiago, 2024)

Nesse momento, retoma-se algo dito anteriormente, na metodologia: Santiago estava no Chile, ao lado da família. A conversa, logo, foi desenvolvida remotamente. Da casa onde ela estava, próximos ao fim da conversa, algumas vozes povoavam o ambiente. Os irmãos apareceram. Entre os cumprimentos e algumas outras palavras em espanhol, foi perceptível o carinho entre eles. Apesar de uma distância de milhares de quilômetros entre os países não vizinhos, uma continuidade afetiva é perceptível, pode-se dizer.

Conforme mencionado no início, dessa análise, o intuito era um: apresentar a pessoa idosa enquanto figura contextualizada, dotada de um passado. Através das memórias sobre a infância, um elemento é revelado potente: a importância de se vivenciar bons momentos na mais tenra idade da vida do sujeito. Tal afirmativa não diz respeito unicamente aos privilégios os quais uma ínfima parcela da população apresenta, como uma casa confortável e um livre acesso à cultura, mas aos benefícios decorrentes do brincar, por exemplo — fenômeno, esse, pouco observado em um período controlado por dispositivos digitais.

2.3.5 ANÁLISE DE ELEMENTOS ISOLADOS: A EXPERIÊNCIA DE WASHINGTON COM O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS)

Este trecho é dedicado à análise de elementos que não apareceram em todas as entrevistas. Embora não estejam interseccionados às narrativas de outrem, a discussão acerca da relevância de determinados fenômenos, sob o crivo dos autores, foi considerada essencial, uma vez que, no campo das humanidades, não deveriam ser apenas considerados os dados quantitativos, mas também as informações evidenciadas ora pelos entrevistadores, ora pelos entrevistados.

Desse cenário, um importante elemento foi observado na entrevista de Washington: as percepções diante do funcionamento de distintas redes de saúde: as do Brasil e as dos Estados Unidos da América. O entrevistado expressou surpresa e admiração pela

estrutura e funcionamento do Sistema Único de Saúde (SUS). À medida que narrava, destacava elementos como o acesso universal, a gratuidade e a simplicidade no atendimento — fatores, esses, não encontrados no local de onde veio.

Em determinado momento da entrevista, um episódio foi relatado: certo dia, precisou de uma injeção de penicilina para tratar uma infecção. Encaminhado a uma Unidade Básica de Saúde (UBS) por um médico particular, ficou impressionado ao receber o medicamento sem custo algum. Essa experiência foi descrita como marcante, o que o levou a afirmar isto: “se eu soubesse como era aqui antes [...] provavelmente teria vindo muito antes. Eu só não sabia.” (Washington, 2024, tradução nossa).

Comparadas às experiências no país em que por um longo tempo viveu, expõe, ele, críticas severas ao sistema de saúde estadunidense, destacando os elevados custos e a complexidade burocrática. Nas falas dele, foram também relatados episódios emblemáticos que ilustram a mercantilização da saúde nos EUA. O caso de uma jovem que fugiu de um hospital para evitar "a ruína financeira" é um exemplo disso, além de tantas práticas absurdas ali vivenciadas, conforme enuncia o narrador:

[...] se você chorar no hospital porque está com medo, eles lhe dão uma caixa de lenços de papel. Um mês depois, quando você sai, descobre que tem que pagar vinte dólares por aquela caixa de lenços de papel. Se você chorar, não pode. Se você chorar, não pode. Tudo custa nesse caso. (Washington, 2024, tradução nossa)

Trata-se de uma lógica, essa, que gera medo e desconfiança no acesso à saúde, conforme relatava.

Foi também evidenciado o impacto emocional e subjetivo de migrar para um país onde o cuidado à saúde é tratado como um direito, e não como uma mercadoria. Essa mudança influenciou a relação do entrevistado com o envelhecimento e a qualidade de vida. Essa percepção reforça a ideia de que o acesso a serviços básicos de qualidade pode ressignificar o processo de envelhecimento e promover bem-estar, como sugere Beauvoir (1990) ao discutir a influência das condições sociais na construção da velhice.

Reitera-se, assim, que o relato de Sr. Washington sobre o SUS não apenas reforça a relevância do serviço enquanto política pública inclusiva, mas também destaca como sistemas universais de saúde podem ser percebidos como instrumentos de dignidade e justiça social. Sua experiência ilustra o potencial transformador de representações sociais positivas, capazes de

desafiar visões estigmatizadas ou depreciativas sobre o Brasil em um contexto migratório e em constante envelhecimento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU SERIAM INICIAIS? — O FIM DE UM CICLO NOS POSSIBILITA O INÍCIO DE OUTROS...)

De modo que a presente pesquisa não se restringisse às paredes da academia e, das frestas da universidade, encontrasse um canal de diálogo com a comunidade externa, um material foi desenvolvido. Escrito e ilustrado pelos próprios pesquisadores, trata-se de um pequeno livro de memórias, produzido através dos encontros entre os entrevistadores e as pessoas entrevistadas.

Das narrativas coletadas a partir da escuta de três diferentes pessoas, fragmentos foram selecionados e, em determinados pontos, interseccionados. A memória, afinal, embora revele-se singular, uma vez que se é produzida a partir das vivências de cada sujeito, carrega consigo traços coletivos, também, essenciais para uma melhor compreensão de eventos passados — não contemplados, muitas vezes, por uma dita historiografia oficial. Através de lembranças de outros tempos, relegados às fotografias, quando presentes, se não ao próprio discurso, memórias com os avós, os pais e os amigos fizeram-se presentes. Tratam-se das histórias comuns, afinal. Cotidianas.

Nessas narrativas, a comida foi um elemento essencial para a composição de um material coeso e afetivo. Nas memórias de Roma, ainda habita uma mãe que preparava o macarrão e uma avó que, ao lado de uma criança de tranças longas, cortava à linha a polenta. Para Washington, o Dia de Ação de Graças ainda é retratado com saudosismo. Tanto quando criança quanto em períodos não tão distantes, ora em sua casa, ora na de outros parentes, o *Green Bean Casserole* continuava a ser o protagonista das suas quartas quintas-feiras de novembro. Ao que dizia Santiago, por fim, a recepção chilena associada às *pantrucas* feitas pelos familiares permanece acalorada em suas recordações.

Percebe-se, assim, que, embora as comidas, isoladas de outros elementos — culturais ou particulares —, não transmitam mensagens, significados, quando associadas às memórias, revelam-se potentes. Através delas, um encontro com outros períodos e pessoas — vivas ou mortas — torna-se possível.

De modo que outras narrativas possam também tornarem-se físicas, materializadas, um espaço foi destinado a toda e qualquer pessoa que, ao acessar o material,

sinta o desejo de dar continuidade a fragmentos de sua história. Trata-se, assim, de um mecanismo de enfrentamento dos múltiplos esquecimentos que ainda atravessam sujeitos marginalizados: mulheres, pessoas pretas, a comunidade LGBTQIAP+ e, em especial, pessoas idosas e migrantes.

A ele e a elas, entregaremos este conteúdo de modo impresso, enquanto devolutiva da pesquisa então realizada e, assim, encerramos este ciclo de investigações e análises. Compreendemos, porém, que há muito que se caminhar nesta temática. Convidamos a todos e todas envolvidas e curiosos pela temática a continuarem a pesquisa, por outros horizontes possíveis e, quiçá, alguns ainda não imaginados.

REFERÊNCIAS

ACNUR (1951). **Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados**. Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

ACNUR (1954). **Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas**. Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_sobre_o_Estatuto_dos_Apatridas_de_1954.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2024.

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS (ACNUR). **ACNUR: O deslocamento forçado continua a crescer à medida que os conflitos aumentam**. ACNUR, 2023. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2023/10/25/acnur-o-deslocamento-forcado-continua-a-crescer-a-medida-que-os-conflitos-aumentam/#:~:text=Os%20principais%20fatores%20de%20deslocamento,com%20o%20Relat%C3%B3rio%20de%20Tend%C3%Aancias>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS (ACNUR). **Brasil reconheceu mais de 65 mil pessoas como refugiadas até 2022**. ACNUR, 2023. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2023/06/20/brasil-reconheceu-mais-de-65-mil-pessoas-como-refugiadas-ate-2022/>>. Acesso em: 16 dez. 2023.

ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S. A Teoria das Representações Sociais. In: TORRES, C. V.; NEIVA, E. R. (Org.). **Psicologia Social: principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ALVARENGA, A. T.; ALVAREZ, A. M. S.; SOMMERMAN, A. Congressos Internacionais sobre Transdisciplinaridade: reflexões sobre emergências e convergências de idéias e ideais na direção de uma nova ciência moderna. **Saúde e Sociedade**. v. 14, n. 3, p. 9-29, set-dez 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902005000300003>>. Acesso em: 29 fev. 2024.

ANDRADE-BOCCATO, T. N.; FRANCO, A. F.. O processo de envelhecimento e a atribuição de sentido à vida. *Interação em psicologia*, v. 23, n. 1, 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v23i1.54427>>. Acesso em: 27 ago. 2024.

ANISMAN, H.; JORDEN, S.; MATHESON, K. Supportive and unsupportive social interactions in relation to cultural adaptation and psychological distress among Somali refugees exposed to collective or personal traumas. **Journal of cross-cultural psychology**, v. 40, n. 5, p. 853–874, 2009. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/doi/10.1177/0022022109339182>>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BERTONI, L. M.; GALINKIN, A. L.. Teoria e métodos em Representações Sociais. In: MORORÓ, L. P.; COUTO, M. E. S.; ASSIS, R. A. M. **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias**. Ilhéus: EDITUS, 2017, p. 101-122.

BHABHA, H. K. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUTLER, J. **Bodies That Matter: On the Discursive Limits of Sex**. New York: Routledge, 1993.

CARDINI, F.. Un sociologo al Santo Sepolcro. In: HALBWACHS, Maurice. **Memorie de Terrasanta**. Veneza: Ed. Arsenale, 1988, p. vii-xxiv.

CARDOSO, M. R. G.; GHELLI, K. G. M.; OLIVEIRA, G. S.. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 98-111, 2021.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 nov. 2024.

DADOS sobre refugiados. **ACNUR**, 2022. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugiados/>>. Acesso em: 11 jan. 2024.

DELFIM, R. B. **Migrações, Refúgio e Apatridia: Guia para Comunicadores**. [S.l.]: ACNUR, 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Migracoes-FICAS-color_FINAL.pdf> Acesso em: 11 jan. 2024.

DESPRET, V. **Um brinde aos mortos**. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

DRIGO, M. O.; SOUZA, L. C. P. O processo de construção social da velhice: nuances advindas da publicidade. **Les aînés dans le monde au XXI^o siècle**, n. 11, 2021. Disponível em: <<https://www.unilim.fr/trahs/4025&file=1/>>. Acesso em: 10 fev. 2024.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Abril, 1978.

FONSECA, M. N. S. O velho e a velhice das literaturas africanas de língua portuguesa contemporâneas. In: Maria José Somerlate Barbosa (org.). **Passo e compasso nos ritmos do envelhecer**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003 (Coleção Memória das Letras, 17).

GIROTO, G. **Narrativas e escrevivências haitianas em vídeo-cartas para a educação: fronteiras, travessias e superações (co)movedoras**. 2024. 220 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

GONZÁLEZ-REY, F. L. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

HAITI - Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe. Disponível em: <<https://sites.usp.br/portallatinoamericano/espanol-haiti>>. Acesso em: 11 jan. 2024.

HOFFMANN, J. E. S.; ROESLER, M. V. B. A mídia digital na construção da representação social dos refugiados no Brasil. **Repositório Institucional**. 2017, p. 368-383. Disponível em: <<https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/3565>>. Acesso em: 13 jan. 2024.

IBGE. Panorama do Censo 2022. Disponível em: <<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>>. Acesso em: 27 out. 2024.

IBGE. Pesquisa de informações básicas municipais: Maringá - PR, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/maringa/pesquisa/37/30255?ano=2010>>. Acesso em: 27 out. 2024.

IRREGULAR Migrant. *In*: European Commission, 2019. Disponível em: <https://home-affairs.ec.europa.eu/networks/european-migration-network-emn/emn-asylum-and-migration-glossary/glossary/irregular-migrant_en?prefLang=pt&etrans=pt> Acesso em: 11 jan. 2024.

JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009.

_____. Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. *In*.: MOSCOVICI, S. **Psychologie Sociale**. Paris: PUF, 1984/1988, p. 357-378.

JÚNIOR, E. B.. A mecânica da ordem: indivíduo e sociedade em Durkheim. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 9, p. 85-99, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/10509>>. Acesso em: 08 fev. 2024.

OBMIGRA. **Relatório Anual 2020**. [S.l.]: Portal de Imigração Laboral, 2020. Disponível em: <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/Resumo%20Executivo%20Relat%C3%B3rio%20Anual.pdf>> Acesso em: 11 jan. 2024.

MANZINI, E. J.. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. *In: A pesquisa qualitativa em debate*. Marília: Unesp, 2004. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_e_entrevista_semi-estruturada.pdf> Acesso em: 9 fev. 2024.

MARINUCCI, R. Pessoas migrantes e refugiadas LGBTI. **REMHU**, v. 28, n. 59, p. 7–13, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005901>>. Acesso em: 13 jan. 2024.

_____. Racismos e Migrações. **REMHU**, v. 26, n. 53, p. 7–10, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005301>>. Acesso em: 13 jan. 2024.

MEIRELES, C. **Antologia poética**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MIGUEL, F. V. C. A entrevista como instrumento para investigação em pesquisas qualitativas no campo da linguística aplicada. **Revista Odisseia**, [S. l.], n. 5, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2029>. Acesso em: 31 ago. 2024.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 4 ed.. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

NERI, A. L. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. **Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 17-34, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 fev. 2024.

PACHÁ, A. **Velhos são os outros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

PAIVA, V. M. B. A velhice como fase do desenvolvimento humano. **Revista de Psicologia**, v. 4, n. 1, 1986. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/10807>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

PNUD. IDHM Municípios 2010. Disponível em: <<https://www.undp.org/pt/brazil/idhm-municipios-2010>>. Acesso em: 27 out. 2024.

POBREZA, fome e turbulência política levam a aumento de migrações na América Latina. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/pobreza-fome-e-turbulencia-politica-levam-a-aumento-de-migracoes-na-america-latina/>>. Acesso em: 11 jan. 2024.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, 1990.

SOUZA-FUKUI, R. C. Quem sou eu? Apatridia e as (re)construções identitárias.. In: MISSIAS-MOREIRA, R.; COLLARES-DA-ROCHA, J. C. C.; SERVO, M. L. S.; COUTINHO, S. M. S.; ALMEIDA, I. B. S.; SOUZA-FUKUI, R. C. (Org.). **Representações Sociais na Contemporaneidade**. Curitiba: EDITORA CRV, 2021, v. 6, p. 39-51

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22 n. 44, 2014. p. 203-220. Disponível em <<https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>>. Acesso em 08 fev. 2024.

WHY Words Matter. **Picum**, 2023. Disponível em: <<https://ou.picum.org/words-matter-2/>> Acesso em: 11 jan. 2024.